

Folar impulsiona negócios



Economia

Fepronor entre as melhores empresas portuguesas

Ensino Superior

IPB investiga para a indústria da região

Entrevista

Silva Peneda
Presidente do Conselho Económico e Social

"Corte dos benefícios fiscais é sinal de abandono do interior do País"



susana
santos

Jurista e docente
no IPB

Sociedades Comerciais

– Breves Notas

designado por Código de Veiga Beirão, então Ministro da Justiça), diz-nos que são considerados comerciantes dois tipos de pessoas: as pessoas singulares – os chamados comerciantes em nome individual ou empresários individuais; e as pessoas colectivas – as sociedades comerciais.

Sociedades Comerciais. Na nossa legislação comercial vigora o princípio da tipicidade, ou seja, só se podem constituir sociedades comerciais mediante um dos tipos legais societários previstos na lei. Desta forma, podem ser constituídas sociedades em nome colectivo, sociedades por quotas, sociedades unipessoais por quotas, sociedades anónimas, sociedades unipessoais anónimas, sociedades em comandita simples e sociedades em comandita por acções.

Diferenças entre os tipos legais societários. Os vários tipos legais de sociedades diferem no que respeita à responsabilidade dos sócios perante a sociedade e perante os credores sociais, ao capital social e partes sociais e à organização social. A prática comercial diz-nos que as sociedades que se constituem no nosso país são sociedades por quotas, unipessoais por quotas e sociedades anónimas.

Sociedades por Quotas. Uma sociedade deste tipo terá que ter no mínimo dois sócios, contudo, a lei não estabelece um número máximo. Até à entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 33/2011, de 7 de Março, o montante do capital social mínimo para se constituir uma sociedade por quotas era de € 5.000 e a parte social, deno-

minada de quota, não podia ser inferior a € 100. Com o novo diploma, consagra-se o princípio do capital livre, o que significa que o montante do capital social é livremente fixado no contrato de sociedade – também apelidado por estatutos ou pacto social, e corresponde à soma das quotas que os sócios subscreveram. Quanto aos valores nominais das quotas, a nova lei estipula que não podem ser inferiores a € 1. Os valores das quotas podem ser desiguais.

Sociedades Unipessoais por Quotas. Desde 1996 é possível constituir este tipo de sociedades em que apenas existe um único sócio. Há quem considere um paradoxo chamar-se “sociedade” e ter apenas “um único sócio”. A estas sociedades aplicam-se as regras das sociedades por quotas, excepto as que pressupõem uma pluralidade de sócios. Assim sendo, quanto ao valor do capital social e da quota, aplicam-se as regras mencionadas para as sociedades por quotas.

Sociedades Anónimas. A lei estipula um valor mínimo de € 50.000 para o valor nominal do capital social de uma sociedade anónima, que deverá ter, no mínimo, cinco sócios; no que concerne ao valor da acção, terá que ter um mínimo de um cêntimo (valor meramente simbólico, claro) e todas as acções deverão ter o mesmo valor.

Firma. Muitas pessoas utilizam a expressão “firma” para se referirem à empresa/sociedade onde trabalham. Não está correcto! A firma é o nome utilizado pelo comerciante – seja ele comerciante

em nome individual (v.g., António Pereira da Silva) ou sociedade comercial (v.g., Sousa & Dias, Lda.).

Constituição das firmas. Nas sociedades unipessoais por quotas, por quotas e anónimas são admitidos três tipos de firma: firma nome (constituída pelo nome de um ou mais sócios), firma denominação (formada com uma expressão de fantasia e/ou uma alusão à actividade social ou) e, ainda, firma mista (conjugua ambos os elementos). Por sua vez, o aditamento varia consoante o tipo de sociedade em causa: se estiver em causa uma sociedade por quotas, terá de ter como aditamento a palavra “limitada” ou a abreviatura “Lda.” (a expressão “limitada” refere-se ao tipo de responsabilidade: a responsabilidade dos sócios é limitada ao valor das suas quotas e, em princípio, só o património da sociedade responde para com os credores pelas dívidas sociais); se se tratar de uma sociedade unipessoal por quotas, a firma concluirá com a expressão “sociedade unipessoal” ou pela palavra “unipessoal” antes da palavra “limitada” ou da abreviatura “Lda.”; por último, no que concerne à firma das sociedades anónimas, esta terá que terminar com a expressão “sociedade anónima” ou pela abreviatura “S.A.”.

Legislação: Artigo 13.º do Código Comercial; artigo 1.º do Código das Sociedades Comerciais e artigos 197.º a 480.º do Código das Sociedades Comerciais.

Para perguntas e sugestões:
comtoddireito@ipb.pt

Quem pode ser considerado comerciante? Que tipos legais de sociedades existem? Pretendo constituir uma sociedade, mas poderei ser o único sócio? Qual o valor do capital social e da parte social? O que se entende por firma? Saiba responder a estas e a outras questões...

Comerciantes. O Código Comercial em vigor data do século XIX (de 1888, também

Nesta edição

Economia

8 | Valpaços é um centro turístico por excelência

10 | Folar casa com vinhos engarrafados



12 | Certificação do foliar na recta final

14 | Jomarco abre loja em Mirandela

15 | Fepronor eleita a melhor empresa do sector em Portugal



16 | Autarcas defendem fusão das empresas de água e saneamento



17 | Câmaras do distrito aumentam as dívidas

Ensino Superior

20 | IPB abre as portas à comunidade

Made in Trás-os-Montes

18 | Negócios florescem com o apoio da CoraNE

Entrevista

4 | Corte dos benefícios fiscais é sinal de abandono do interior do País



Rotas & Destinos

23 | Douro Valley em inglês e espanhol



e ainda:

Opinião

6 | A amendoeira falante (e as meias médicas)

José Mário Leite

7 | (Des) União Europeia

António Verdelho

22 | E finalmente o calcanhar

de Aquiles cedeu: Será Portugal a seguir?

Humberto Ribeiro

“Com todo o direito”

2 Sociedades Comerciais – Breves Notas

Susana Santos

Sucesso em tempo de crise



teresa
batista

As notícias são negativas para as empresas. O Orçamento de Estado para 2012 contempla o fim dos benefícios fiscais para as empresas instaladas no interior, que passam a pagar a mesma taxa do resto do País, menos apoios para o tecido empresarial e medidas de austeridade que nada abonam a favor dos pequenos negócios. Mesmo assim, a contrariar a tendência de crise, há empresas que se pautam pelo sucesso empresarial. Exemplo disso é a Fepronor, sediada em Bragança, que foi distinguida a melhor do seu ramo de actividade a nível nacional. Entre as 22 empresas eleitas pela revista “Exame”, apenas duas são do interior do País. A Fepronor, em Bragança, e a Amatoscar, em Portalegre, aparecem ao lado das maiores empresas sediadas no litoral, o que demonstra que nas regiões mais desfavorecidas e com mais dificuldades em chegar aos mercados também é possível alcançar o sucesso nos negócios.

A Fepronor tem conseguido crescer ao longo dos tempos, ampliando a sua actividade para todo o País, mesmo com custos de transporte acrescidos, devido às dificuldades ao nível das acessibilidades, que poderão vir a ser atenuadas com a construção da Auto-Estrada Transmontana. Esta empresa brigantina também ocupa a 185.ª posição no ranking das 1000 maiores empresas a nível nacional, na sequência de uma análise ao volume de negócios das organizações.

A boa performance financeira desta Pequena e Média Empresa (PME) de Bragança valeu-lhe um voto de louvor e mérito da parte do Núcleo Empresarial de Bragança – NERBA, que fez questão de reconhecer o trabalho deste associado.

Apesar da revista “Exame” referir que a boa forma das PME foi conseguida antes da austeridade, o desafio agora é manter o equilíbrio das contas perante a conjuntura económica desfavorável.

E os tempos de crise também são de oportunidade para o florescimento de novos negócios e a CoraNE tem dado um forte contributo nesta área. Nesta edição damos-lhe a conhecer dois projectos lançados por jovens empreendedores, que decidiram contrariar os tempos difíceis e arriscar no seu próprio negócio.

Corte dos benefícios fiscais é si

4

VOZ DO NORDESTE

O fim das isenções fiscais para as empresas instaladas no interior do País prevista no Orçamento de Estado para 2012 é um tema na ordem do dia, tendo em conta o seu impacto na economia regional. As empresas instaladas nas regiões mais desfavorecidas passam a pagar mais impostos e há muitas que poderão não resistir ao aumento da carga fiscal. Em entrevista à Voz do Nordeste, o presidente do Conselho Económico e Social, Silva Peneda, insurge-se contra esta medida e alerta para as consequências negativas desta política, que terá um impacto insignificante nas receitas arrecadas pelo Governo.



Voz do Nordeste (VN) – Foi duas vezes candidato a deputado como cabeça de lista do distrito de Bragança. Que memórias é que ainda guarda desses tempos?

Silva Peneda (SP) - Fui cabeça de lista do PSD nas eleições de 1987 e 1991 no distrito de Bragança e se do ponto de vista eleitoral as coisas correram muito bem, pois foram atingidas duas maiorias absolutas muito expressivas. Do ponto de vista pessoal o saldo foi francamente positivo. Fiz muitos e bons amigos que ainda hoje perduram e criei com Trás-os-Montes uma relação de afectividade que, com o tempo a passar, sinto-a cada vez mais refor-

çada. Com o caminhar da vida vamos dando muito mais valor às questões do afecto e menos às do mundo material. A minha relação com Trás-os-Montes e com a cidade de Bragança é prova disso.

VN – Actualmente é presidente da Fundação D. Afonso Henriques, que tem uma delegação em Bragança. Qual o papel deste organismo no desenvolvimento económico desta zona transfronteiriça?

SP – A Fundação D. Afonso Henriques foi criada com o objectivo de animar as relações entre os dois lados da fronteira. Hoje a fronteira física é muito mais um espaço de união do que de divisão. Os problemas do desenvolvimento de um lado e do outro são os mes-

mos. Estamos integrados na União Europeia, o que facilita muito a apresentação de projectos conjuntos. Só temos todos a ganhar se nos entendermos na base de um quadro de cooperação que articule a acção das entidades oficiais e também os diferentes agentes económicos e sociais de Trás-os-Montes, da Galiza e de Castelã e Leão. A Fundação D. Afonso Henriques tem obra feita, a mais importante talvez tenha a ver com o papel que teve na coordenação do dossier que levou a que o Douro Vinhateiro tenha sido declarado Património da Humanidade. A criação da delegação em Bragança foi uma boa ideia e já temos alguns resultados, nomeadamente na aprendizagem do castelhano na cidade.

VN – Que projectos a Fundação está a desenvolver tendo em vista o desenvolvimento sustentável dos territórios por ela abrangidos?

dos?

SP – A Fundação tem um vasto conjunto de projectos que irá desenvolver durante o corrente ano, mas o mais importante é sem dúvida a Grande Rota do Património da Humanidade do Vale do Douro. Este é o resultado de uma cooperação transfronteiriça, assente nos dez bens e sítios dos dois lados da fronteira, localizados no Vale do Douro e classificados como Património Mundial. O projecto já tem nome, chama-se: “O Primeiro Destino Ibérico”.

VN – Um dos grandes problemas das regiões do Interior, ao qual não escapa o distrito de Bragança, é a desertificação. Numa altura em que o Governo se prepara para encerrar serviços no Interior, como é possível travar a saída da população do Interior para o Litoral?

SP – Há uma ideia que penso que ganharia sentido em ir para a frente, no enquadra-

"O corte dos benefícios fiscais para as empresas instaladas no interior do País em termos de receita orçamental trata-se seguramente de um valor pequeno, mas esta decisão significa acabar com o muito pouco que existe em termos de discriminação positiva a favor das terras do interior".

Final de abandono do interior do País

mento da reforma do aparelho do Estado, com a anunciada eliminação e fusão de serviços públicos. Tem a ver com a transferência de serviços da administração central de Lisboa para outras cidades incluindo, naturalmente, as localizadas no interior.

Estamos no tempo onde a revolução operada nas tele-

te para corrigir assimetrias regionais e que muito poderia contribuir para o estancar do fluxo migratório com origem nas regiões do interior.

Também seria uma oportunidade para levar a cabo uma das componentes mais importantes da reforma da administração pública já que se poderia aproveitar a desloca-

ria difícil ser financiada pelos fundos estruturais com origem na União Europeia.

VN – É presidente do Conselho Económico e Social, que emitiu um parecer consultivo sobre o Orçamento de Estado para 2012, em que sugere ao

Governo a manutenção dos benefícios fiscais para as empresas instaladas no Interior. Acredita que o Governo vai acabar por acatar esta sugestão?

SP – O corte dos benefícios fiscais para as empresas instaladas no interior do País em termos de receita orçamental trata-se seguramente de um

valor pequeno, mas esta decisão significa acabar com o muito pouco que existe em termos de discriminação positiva a favor das terras do interior. É difícil de perceber e ainda é mais difícil de aceitar, porque uma decisão como esta transmite o pior dos sinais, o sinal do abandono, o sinal da quebra de solidariedade das regiões mais ricas para com as mais pobres e o sinal de que as políticas públicas não parecem ter nada a ver com a situação das terras do interior do país.

O Conselho Económico e Social a que presido chamou no parecer sobre o Orçamento de Estado, sem

"Descentralização de serviços teria de ser considerada como uma das peças mais importantes com vista à coesão regional e social do País, pelo que não seria difícil ser financiada pelos fundos estruturais da União Europeia".

comunicações permite que se comunique em tempo instantâneo e, por isso, não há nenhuma razão que justifique a permanência na capital de todo um vasto conjunto de instituições e organismos.

As cidades do interior beneficiariam dos efeitos decorrentes de muito maior animação em aspectos económicos, sociais e culturais que aí se verificariam, como resultado do fluxo de novos e qualificados habitantes. Esta seria uma forma muito concreta, muito directa e de efeitos imediatos que contribuiria para um País mais equilibrado e com maior coesão social e regional. Será muito difícil encontrar outra reforma com impacto semelhan-

lização de serviços para se proceder a um exercício para ajustar as necessidades aos meios, nomeadamente aos humanos. Seguramente que seria necessário mobilizar alguns meios para apoiar as Autarquias Locais que iriam acolher os serviços a deslocalizar e apoiar financeiramente os funcionários que teriam de mudar de residência, mas estes custos poderiam ser compensados pela criação de um fundo alimentado pela venda de muitos edifícios ocupados por serviços que sairiam de Lisboa. Esta ideia teria de ser considerada como uma das peças mais importantes com vista à coesão regional e social do País, pelo que não se-



José Albino da Silva Peneda assume a presidência do Conselho Económico e Social, que tem como missão promover o diálogo entre o Governo, os parceiros sociais e restantes representantes da sociedade civil organizada, desde 2009. No mesmo ano também assume o cargo de presidente da Fundação Rei Afonso Henriques, em Bragança. Silva Peneda mantém assim a ligação

à região que faz parte da sua carreira política. O economista, natural de S. Mamede de Infesta, concelho de Matosinhos, foi deputado no Parlamento Europeu, entre 2004 e 2009, e esteve ligado a várias empresas portuguesas, entre as quais a Sonae Investimentos e a Global Notícias.

Silva Peneda foi, ainda, ministro do Emprego e da Segurança Social, pelo PSD, de 1987 a 1993.



PERFIL

qualquer voto contra, a atenção para este facto. Penso que não se pode encarar os problemas do desenvolvimento do interior sem políticas públicas orientadas para esse objectivo. A busca de mais coesão regional e social não se obtém através do funcionamento do mercado. Receio bem que esta ideia não seja hoje muito clara nos processos de decisão política.



**osé mário
l e i t e**

Director-adjunto do
Instituto Gulbenkian
de Ciência

Palavras Soltas

A amendoeira falante (e as meias médicas)

Regresso, de novo, ao distante mundo da minha infância onde, à volta da lareira e à luz da candeia se liam colectivamente os livros chegados na biblioteca itinerante da Gulbenkian. De entre os meus preferidos, lembro-me de um que contava a história de um burro que se supunha doutor, o que despertou logo grande interesse no agregado familiar. Lembro-me que, querendo todos partilhar de tais mistérios se decidiu que a minha mãe o leria em voz alta para a família aninhada à sua volta.

- No tempo em que animais falavam...

- Mas os animais não falam, pois não?

- Houve um tempo em que falaram. Agora já não

- Agora só falam as amendoeiras! - Atalhou o meu pai. Foi a primeira vez que ouvi a história, repetida depois, vezes sem conta! O Carlinhos era um homem com grande deficiência mental, que vivia, completamente isolado, numa velha

casa de granito fora da minha aldeia, para lá do Tapado. Conheci-o mal. Raramente aparecia na Junqueira. Eram os familiares que lhe levavam alguma comida e do resto tratava ele. Apanhava lenha de carrasco e zimbros no monte e bebia a água dos ribeiros do Jardim e S. Martinho e da fontela de Bornes, no Verão. Andava sempre descalço. Não tinha Domingos nem dias Santos. Nem sei se celebrava alguma outra data festiva. Mas nunca faltava à Festa da Senhora do Castelo. Ninguém sabia explicar como sabia ele a data da festa (dizia-se que ninguém o informava) mas na tarde do último domingo de Agosto metia pés a caminho e aparecia no alto de S. João, sobranceiro à Vilarça, para assistir à missa, à procissão e ao sermão vespertino. Encontraram-no várias vezes junto à Casa dos Milagres, olhando espantado para uma amendoeira onde a Comissão Fabriqueira pendurara um dos novíssimos altifalantes.

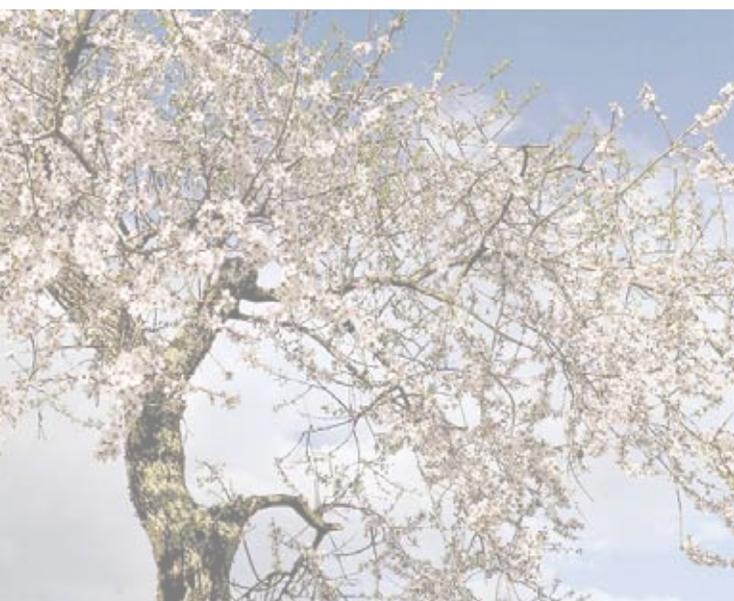
- Então Carlinhos, o que fazes aqui?

- É maravilhoso! Esta amendoeira fala!

Lembrei-me desta história um dia destes ao participar numa conferência sobre os Novos Paradigmas e o Reforço da Competitividade na Saúde, organizado pelo HCP, no Ta-

gus Park. Um dos oradores, pertencente a uma sociedade internacional sobre o futuro, falou-nos um pouco do que nos espera dentro em breve. Dentro de pouco tempo haverá uma bateria de exames que poderá ser feita por sensores incorporados em têxtil (nas nossas meias) e enviados directamente para o computador do médico assistente. Que, antes de olhar para os dados já os mesmos terão sido tratados por um poderoso programa de bioinformática apresentando apenas os que tiverem alguma relevância. E quando formos ao supermercado, os alimentos enviarão para o nosso telefone sinais digitais sobre a sua composição. Neste, um adequado programa se encarregará de verificar a compatibilidade com qualquer doença, restrição ou contra-indicação que tenhamos (ou o oposto).

- Os alimentos falarão conosco! - garantiu o palestrante. Fiquei a recordar os tempos da minha infância e das coisas extraordinárias que me dizia. Ou talvez nem tão extraordinárias assim. Pois se umas meias podem fazer análises clínicas e uma couve-flor pode garantir-me ser a melhor opção para o meu jantar, que espanto pode causar um burro que se supunha doutor ou uma amendoeira que falava?



ficha técnica

(Des) União Europeia



**antónio
verdelho**

docente do IPB

Com a divisão do Império de Carlos Magno, a França e a Alemanha ficaram em terrenos opostos. Os dois povos digladiaram-se sós ou acompanhados em várias guerras - a dos Trinta Anos, a Franco - Germânica, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. A herança de destruição deixada por esta última foi assombrosa, era necessário fazer alguma coisa para evitar conflitos futuros. Robert Schuman, ministro francês, retomou a ideia do comerciante Jean Monnet e propôs em 1950, a formação da Comunidade Económica do Carvão e do Aço (CECA), com vista a colocar sob uma autoridade comum, o carvão e o aço que seriam retiradas aos países outrora inimigos. Com isto, as matérias-primas da guerra transformavam-se em instrumentos de reconciliação e de paz.

A CECA integrou a Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo, países que em 1957 replicaram o tratado para a energia atómica (CEE) e para os mercados (CEE), terminando o processo na criação da União Europeia (UE), instituição que durante meio século garantiu a paz e a estabilidade na Europa.

Paralelamente, ocorreram grandes crises como a de 1929 (grande depressão) que persistiu ao longo da década de 1930, e apenas terminou com a 2ª Guerra Mundial. Causou altas taxas de desemprego e quedas drásticas do PIB. As pessoas sem rendimento, não tinham como sustentar as famílias e pagar as rendas e prestações, tendo milhares de famílias sido expulsas de suas residências.

Em 2008, o sistema financeiro voltou a estar na mira ao

despoletar, com a falência do Banco Lehman Brother, que pôs a nu os "subprime", a crise das dívidas soberanas, cujos efeitos estão a sentir-se em especial na zona euro.

Já não é só a Grécia, Portugal e Irlanda, que enfrentam dificuldades, também a Espanha, a Itália, a Letónia, a Roménia, a Hungria e a Islândia. Os responsáveis políticos não querem admitir que a estratégia da austeridade à custa dos mais desfavorecidos possa estar a falhar, mas já há sinais de implosão social, porque nenhum país vive sem esperança, e a pobreza traduz-se na violação de todos os direitos humanos. Os mentores da austeridade acham que o colapso da economia grega aconteceu por falta de cumprimento dos acordos, mas se virmos bem, no Portugal cumpridor, acontece o mesmo - recuo do PIB no 4.º trimestre em 2,7 por cento, face aos anteriores: 1,8 por cento, 1 por cento e 0,5 por cento, o que deixa antever que, em 2012, a recessão irá atingir em força a nossa economia, com o desemprego recorde e a austeridade a deitar abaixo o consumo e o investimento - quem está mal não gasta porque não tem, e quem ainda tem, não gasta com medo do que aí vem.

A UE já é uma ficção. O poder foi retirado aos órgãos próprios e está a ser usado pelo "patrão" Alemanha, que nos dias que correm é o único que conta. Como não existe um eleitorado europeu e as instituições - Parlamento e Comissão - não riscam nada, quem acaba por mandar é quem elegeu Ângela Merkel, isto é: o povo alemão. O problema é que a opinião pública alemã mostra-se cada vez mais nervosa e Ângela Merkel vive um

paradoxo. Se, por um lado, a Alemanha é a solução para sair da crise, por outro é o principal obstáculo, por vacilar entre o federalismo e a desintegração catastrófica da EU, George Soros, em entrevista ao Der Spiegel, criticou a "má direcção" em que Ângela Merkel está a levar a Europa, receando uma repetição dos erros da crise de 1929, defendendo que se devia injectar dinheiro para reanimar a economia.

A ocorrência de conflitos graves no futuro tem sido admitida por pessoas com informação privilegiada, como o eurodeputado Paulo Rangel e o ministro das finanças Polaco, Rostowski, que perante o Parlamento Europeu, apontou o risco de uma guerra a médio prazo, afirmando que "se a zona euro se desmoronar, a UE não estará em condições de sobreviver, com todas as consequências dramáticas que se possam imaginar".

Estamos muito provavelmente a chegar ao fim de um ciclo. Se os responsáveis políticos não reagirem - com coerência, ética e preocupação social - perante a crise que vivemos, a Europa mergulhará num precipício e as guerras regressarão, mercê de um colapso político, económico e financeiro já muito evidentes.

Para meditar, recordo a mensagem deixada por uma mãe à porta do infantário do Padre Papanikolaous, em Atenas, "Eu não posso vir buscar a Anna hoje, porque eu não tenho dinheiro para cuidar dela. Por favor tratem-na bem". Nos últimos dois meses - disse o padre à BBC - "está foi a quarta criança deixada na instituição". Quando se chega a este ponto, o que falta para se poder dizer que foram ultrapassados todos os limites?

"Os responsáveis políticos não querem admitir que a estratégia da austeridade à custa dos mais desfavorecidos possa estar a falhar, mas já há sinais de implosão social, porque nenhum país vive sem esperança, e a pobreza traduz-se na violação de todos os direitos humanos."

Valpaços é um centro t

Milhares de pessoas visitam o concelho de Valpaços durante a Feira do Folar de Valpaços, que é já um certame de referência em toda a região Norte. Este evento tem um forte peso na economia local e tem contribuído para que mais produtores locais comercializem os seus produtos. Em entrevista à revista Voz do Nordeste, o presidente da Câmara Municipal de Valpaços, Francisco Tavares, lembra que a agricultura é o motor económico do concelho e mesmo em tempo de crise acredita no sucesso de mais uma edição da Feira do Folar.

Voz do Nordeste (VN) - Valpaços assume-se como a Capital do Folar. Qual o impacto económico da feira no concelho?

Francisco Tavares (FT) - O pavilhão multiusos foi feito graças ao folar. Se não houvesse folar não havia este espaço adequado para realizar certames que promovem os produtos que fortalecem a economia do concelho. O impacto económico desta feira é positivo. No ano transacto, registou-se 1,5 milhões de euros de venda directa de produtos, o que é significativo em

três dias de certame. Foi com grande satisfação que, no ano passado, alguns produtores nos diziam que fizeram 40 e 50 mil euros de negócio. Esperamos este ano manter o volume de negócios. Além disso, durante cerca de um mês, Valpaços tem um movimento económico muito significativo. Os produtores de folar compram os produtos antecipadamente, nomeadamente as farinhas, o azeite, os enchidos para o fabrico do folar. E foi o folar que fomentou esta atractividade comercial e criou



esta dinâmica económica no concelho.

VN - A par do folar há outros

queza no concelho, que é o vinho, o azeite e a castanha, este último com uma maior expressão económica.

"No ano transacto, registou-se 1,5 milhões de euros de venda directa de produtos, o que é significativo em três dias de certame. Foi com grande satisfação que, no ano passado, alguns produtores nos diziam que fizeram 40 e 50 mil euros de negócio. Esperamos este ano manter o volume de negócios".

produtos que também fortalecem a economia...

FT - Nós temos três produtos agrícolas que têm um peso significativo na criação de ri-

O vinho, graças à modernidade das formas de produção, levou produtores particulares a colocarem-no no mercado com a sua própria marca. Há



Turístico por excelência

também uma série de associações que promovem o vinho no concelho de Valpaços e na feira do folar o vinho também vai ter um lugar de destaque.

VN - A par da venda de produtos, a autarquia também faz questão de manter uma componente cultural associada a esta feira...

FT - Sim. Este ano, temos também a apresentação de dois livros importantes para o nosso concelho. A segunda edição da obra "Lagares Cavados na Rocha" resulta do trabalho de investigação levado a cabo pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas, que já foi solicitado no estrangeiro, porque não havia nada do género feito nesta área.

E depois vamos ter também a apresentação da obra "Os caminhos da memória – Freguesia de Bouçoais (Valpaços)", que é uma história bonita da autoria da D.^a Aline Ferreira.

VN - A feira do folar também contribui para o aumento do número de turistas que visita o concelho?

FT - Sim. Há muitas pessoas que visitam o concelho de Valpaços. Durante uma semana, os restaurantes e a hotelaria ficam completos. Há muitas pessoas que vêm, pernoitam cá, e procuram a nossa gastronomia.

VN - O que é que as pessoas que vêm a Valpaços podem visitar?

FT - O concelho de Valpaços assume-se pela grandeza paisagística. Temos miradouros em Argeriz, Santa Comba, Carrizado de Montenegro, de onde se pode apreciar a grandeza da paisagem.

Temos também roteiros arqueológicos e uma série de castro referenciados, bem como património religioso, que são



dignos de visita. Estes espaços têm reflexos turísticos no concelho.

cimento de água, saneamento e acessibilidades a 100 por cento. Também não descura-

"Em termos económicos, apesar da crise, a riqueza criada pelos produtos agrícolas é significativa, com um volume de negócios anual na ordem dos 50 mil euros.

Desta forma, Valpaços vai conseguir enfrentar bem a crise e vai afirmar-se positivamente no futuro".

Além disso, a nossa cidade também está bem estruturada e é um exemplo de urbanismo a seguir. Quem nos visita dá-nos os parabéns pelo urbanismo cuidado que não desestruturou o meio rural, que o soube preservar, e não criou dissonâncias urbanísticas.

VN - A autarquia também procura tornar o concelho mais atractivo?

FT - Temos criado todas as condições para que as pessoas escolham o nosso concelho para viver. Temos abaste-

mos o apoio social e o apoio domiciliário em todo o concelho. Tudo isto cria condições de vida que tornam o concelho atractivo.

Para quem nos visita também estamos a criar infraestruturas novas. Lançámos a construção da Casa do Vinho,

que será um museu interactivo, em que qualquer visitante pode estar em contacto com toda a orgânica da produção do vinho, uma obra que já estará concluída no próximo ano.

Em termos económicos, apesar da crise, a riqueza criada pelos produtos agrícolas é significativa, com um volume de negócios anual na ordem dos 50 mil euros.

Desta forma, Valpaços vai conseguir enfrentar bem a crise e vai afirmar-se positivamente no futuro.



Folar casa com vinho



São muitas as pessoas que se deslocam de todo o País à procura do folar de qualidade produzido em Valpaços. Todos os anos, a organização procura satisfazer todos os visitantes, aliando a venda de folar aos produtos da terra e à animação constantes dentro do pavilhão e na zona dos restaurantes e tasquinhas. O vice-presidente da Câmara Municipal de Valpaços, Amílcar Castro, coordena toda a equipa envolvida na organização do certame. Em entrevista à revista Voz do Nordeste, o autarca fala das novidades apresentadas este ano aos visitantes e da importância deste evento para os produtores locais.

Voz do Nordeste (VN) - Está à porta a 14.ª edição da Feira do Folar de Valpaços. Quais as novidades apresentadas este ano?

Amílcar Castro (AC) - A principal novidade este ano é a apresentação de um salão de vinhos. A par do feira do folar, que promove os produtos da terra, o folar, o vinho, o azeite, o fumeiro, os frutos secos ou o mel. Este ano, o salão de vinhos vai ganhar destaque na feira. Os vinhos, que antes estavam representados, apenas, pela Adega Cooperativa de Valpaços, vão agora ganhar mais expressão, com a presença dos nossos produtores engarrafadores. Ou seja, vamos ter aqui uma montra dos vinhos produzidos e engarrafados no concelho, para a qual também vai contribuir

a Confraria dos Vinhos, que também vai marcar presença.

VN - O número de expositores este ano aumentou?

AC - É semelhante aos anos anteriores. Temos 82 expositores. São praticamente as mesmas pessoas que participam nos anos transactos e como tem sido um sucesso os expositores entendem que é uma aposta ganha e inscrevem-se ano após ano.

VN - Este certame procura valorizar o tradicional e dar primazia aos produtores da terra?

AC - Nós durante o ano somos contactados por diversas pessoas que gostariam de participar neste certame. No entanto, nós não necessitamos de recorrer ao exterior. A

nossa economia e de dinamizar e potenciar os nossos produtos.

Durante os três dias da feira, o nosso concelho é visitado por um grande número de pessoas, que ficam nos nossos hotéis, procuram a nossa gastronomia e não tenho dúvidas que a nossa feira é já uma referência a nível nacional. Somos visitados por pessoas que vêm desde o Algarve, Espanha, Minho, entre outras regiões do País.

VN - O folar é o produto em destaque...

AC - É sem dúvida a matriz da feira. O folar é o que nos caracteriza de forma diferen-

ciada dos demais certames que se realizam nas proximidades. Os demais produtos, nomeadamente o azeite, o mel, o fumeiro, o bolo podre, também são importantes e são característicos da nossa terra, mas a matriz da nossa terra é mesmo o folar.

VN - Os produtos da terra também contribuem para a grande variedade ao nível da oferta aos visitantes...

AC - As pessoas que nos visitam sabem que é a feira do folar, mas também sabem que aqui podem encontrar outros produtos de qualidade. Não tenho dúvidas que a maioria das pessoas que nos procuram é à procura do bom folar de Valpa-

"Entendemos que casa muito bem a música popular com as tasquinhas e os restaurantes e desta forma as pessoas mantêm-se mais tempo nesta área, que este ano vai estar aberta até às duas e meia da manhã, mais meia hora do que nos anos anteriores".



os engarrafados

ços.

Há 14 anos que realizamos esta feira, o nosso foliar tem vindo a ganhar um estatuto a nível nacional, o nosso produto também já é exportado pelas nossas padarias e tem muita procura durante todo o ano.

Agora esperamos pela concretização da certificação, que não tenho dúvidas que será a alavanca necessária para que o nosso foliar consiga alcançar outros mercados.

VN - Quantos visitantes esperam este ano, tendo em conta a diminuição do poder de compra?

AC - Nós sabemos de antemão que o sucesso de uma feira está inerente à publicidade, pelo que quisemos manter o mesmo investimento dos anos transactos nesta área. Sabemos que o poder de compra está reduzido, mas acre-



"(...) A nossa feira é já uma referência a nível nacional. Somos visitados por pessoas que vêm desde o Algarve, Espanha, Minho, entre outras regiões do País".

ditamos que se estiver bom tempo podemos ser visitados por cerca de 60 mil pessoas, que é o número de visitantes que costumam passar por cá nos últimos anos.

VN - É também graças a esta feira que há pessoas do concelho que produzem foliar e conseguem assim aumentar o orçamento familiar...

AC - Sem dúvida. Ano após ano as pessoas sabem que esta iniciativa é uma alavanca para a economia do concelho. Os tempos são difíceis e as pessoas aproveitam esta oportunidade para fazer negócio.

Nós somos rigorosos com a qualidade, com a higiene,

com o controlo e os produtores cumprem as regras, porque sabem que é uma garantia, que é uma salvaguarda e é uma forma de mantermos o êxito desta feira ano após ano.

VN - A animação é também uma forma de trazer gente à feira?

AC - Sim. A animação é uma componente fundamental de uma feira e começa logo dentro do próprio pavilhão, com rufas de concertinas, a actuação das nossas bandas musicais, ranchos folclóricos e outros instituições do concelho, que fazem um trabalho interessantíssimo e aproveitam esta oportunidade para se mostrarem ao concelho.

A parte das tasquinhas tam-

bém tem animação garantida, para criar uma certa envolvimento para as pessoas que estão a degustar os nossos pratos típicos. Neste sentido, este ano apostamos no Quim Barreiros, no sábado, temos também o grupo do concelho "Nova Dimensão", que vai actuar na sexta-feira. Nós entendemos que casa muito bem a música popular com as tasquinhas e os restaurantes e desta forma as pessoas mantêm-se mais tempo nesta área, que este ano vai estar aberta até às duas e meia da manhã, mais meia hora do que nos anos anteriores.

Ao nível desportivo também vamos contar com a participação da associação "Os Perigosos", de Vilarandelo, que organiza todos os anos o Raid TT "Rota do Foliar, que consegue arrastar uma moldura humana considerável e que este ano se realiza nas proximidades do pavilhão, na zona industrial de Valpaços.



Certificação do folar na recta final

12

AVOZ
DOS NOROCCIDENTAIS

Empresas locais pedem certificação do folar produzido com a sua própria marca para valorizarem o produto

A certificação do folar de Valpaços já está na recta final. O presidente da Câmara Municipal de Valpaços (CMV), Francisco Tavares, afirma que o caderno de encargos para a certificação do folar já está aprovado no Ministério da Agricultura, faltando agora a certificação do fumeiro usado na confecção do folar.

Mesmo assim, o autarca mostra-se satisfeito pela importância dada à certificação pelas empresas locais. “Já há padarias do concelho a pedir a certificação do seu próprio folar, para ser comercializado com a sua própria marca, o que significa que reconhecem a mais-valia que a certificação pode representar em termos de comercialização”, salienta o edil.

Francisco Tavares não tem dúvidas de que a certificação vai ser um novo impulso para que o folar de Valpaços seja ainda mais valorizado no mercado. Desta forma, este produto tradicional, que já é vendido a nível internacional, poderá conquistar novos mercados com a garantia de genuidade dada pelo selo da certificação.



Na edição deste ano da Feira do Folar de Valpaços vão estar à venda cerca de 50 mil quilos de folar tradicional e de padaria, que em anos anteriores costumam esgotar durante os três dias do certame. O presidente da CMV acredita que as pessoas vão continuar a deslocar-se a Valpaços para comprar o folar de qualidade. “Estou confiante que o preço de 10 euros por cada folar é acessível à maioria das pessoas, que já nos visitam à pro-

cura do nosso folar”, enaltece o autarca.

Para garantir o mesmo número de visitantes de anos anteriores, a organização decidiu manter o orçamento na promoção do certame. “Estamos a contar gastar os mesmos 100 mil euros, comparticipados em 50 por cento pela Câmara Municipal e os outros 50 por cento pela empresa A E.H.A.T.B. - Empreendimentos Hidroeléctricos do Alto Tâmega e Barroso.

XIV FEIRA DO FOLAR

PRODUTOS DA TERRA E SEUS SABORES

30, 31 DE MARÇO E 1 DE ABRIL 2012



VALPAÇOS



GASTRONOMIA REGIONAL - TABERNAS TÍPICAS
ORQUESTRAS MUSICAIS - BANDAS FILARMÓNICAS
RANCHOS FOLCLÓRICOS - CONCERTINAS

IX RAID TT "ROTA DO FOLAR"



PAVILHÃO MULTIUSOS

ENTRADA LIVRE

ORGANIZAÇÃO:



MUNICÍPIO DE VALPAÇOS CONTACTO: SECRETARIADO DA FEIRA DO FOLAR
Email: secretariado.feiradofolar@valpaços.pt | Tel: 278 710 130 - Fax: 278 711 135

Jomarco abre loja em Mirandela



14

AVOZ
NORDESTE

A Jomarco Ferragens, Lda. acaba de abrir uma loja em Mirandela, reforçando a sua presença em Trás-os-Montes. Depois de criar filiais em Vila Real e Bragança, a empresa decidiu apostar na cidade mirandense, concretizando um projecto antigo. “Já andávamos a pensar nisto há muito tempo, para dar resposta aos clientes que temos nesta zona do distrito de Bragança”, explicou o proprietário, José Martins Correia.

Em tempo de contracção da economia, o empresário respira optimismo, na certeza de que é preciso saber apostar e explorar todas as possibilidades do mercado, que ultrapassa as barreiras da região e estende-se às zonas de Amarante e Viseu. “A indústria da construção civil está em baixa, mas há o consumidor final, que quer remodelar a sua casa, construída há 20 ou 30 anos, e nós temos todos os produtos que ele precisa para actualizar e modernizar as ferragens”, assegura o responsável.

Ao nível das marcas, a JNF e a Tupai destacam-se como os principais parceiros comerciais, a par da Tesa, Cifial e outras siglas conceituadas



no sector. “Tudo o que é ferragens o cliente encontra nas nossas lojas, desde os puxadores mais clássicos, aos modelos mais ousados”, garante o responsável.

José Martins Correia fundou a Jomarco em Fontes (Santa Marta de Penaguião), corria o ano de 1978 e, passados 34 anos, a empresa mantém o cariz familiar e de confiança. Dos oito colaboradores da

empresa, cinco são família, designadamente a esposa, Berta Pinto Canário Martins Correia, e os três filhos, Nuno Tito, António Pedro e José João Pinto Correia, que seguem as pisadas do fundador da empresa. “É esse o meu objectivo e missão”, recorda o empresário com indisfarçável orgulho de pai.

Em 1989, a Jomarco abriu a primeira filial em Vila Real, na

Av. 1º de Maio, tendo mudado as instalações para a Av. Aureliano Barrigas, em 1998, onde criou um amplo espaço para apresentar toda a gama de produtos e serviços. Em 2001, o bairro do Plantório recebeu a filial de Bragança, seguindo-se a abertura da loja em Mirandela, cuja inauguração reuniu vários parceiros comerciais, clientes, amigos e familiares.



Fepronor eleita a melhor empresa do sector em Portugal

Foto: Revista Exame



A Fepronor foi considerada a melhor empresa do sector da Metalomecânica e Metalurgia de Base a nível nacional. A empresa de Bragança aparece no topo da lista publicada pela revista “Exame”, que elegeu as 22 melhores Pequenas e Médias Empresas do País por ramos de actividade.

Para o gerente da Fepronor, Luís Gonçalves, esta distinção foi uma surpresa. “No ano passado ficámos em segundo lugar e este ano estávamos à espera de ter uma classificação semelhante, até porque há empresas muito fortes neste sector em Portugal”, afirma o empresário.

Surpresa mas ao mesmo

tempo satisfação pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido ano após ano é o sentimento vivido pela equipa da Fepronor.

Luís Gonçalves só lamenta que as entidades locais, à excepção do Núcleo Empresarial de Bragança –Nerba, não reconheçam o valor da empresa e o seu forte contributo para o desenvolvimento da região.

A boa performance financeira da Fepronor também foi reconhecida no âmbito do estudo sobre as “1000 melhores PME” a nível nacional. Neste conjunto de empresas, a Fepronor está em 185.º lugar, tendo em conta o volume de negócios.

Luís Gonçalves afirma que

nos últimos três anos a facturação da Fepronor ronda os 22,5 milhões de euros, um montante que considera difícil manter nos próximos anos, devido à crise económica que afecta todos os sectores de actividade em Portugal. “Vai ser muito difícil aguentar este ritmo, tendo em conta que está muito difícil receber”, constata o empresário.

A Fepronor conseguiu aumentar a rentabilidade antes da crise económica abalar os mercados. “Sempre estivemos virados para a exportação e estivemos envolvidos em grandes obras em Espanha”, realça Luís Gonçalves. O mercado internacional caiu e a empresa fornece, agora, grandes obras de Norte a Sul

do País, sendo a Auto-Estrada Transmontana um dos maiores clientes. “Já colocámos nesta obra mais de 20 mil toneladas de ferro”, garante.

Para o presidente do Nerba, Eduardo Malhão, a Fepronor é um exemplo a seguir. “Demonstra como no interior do País, com todos os constrangimentos e todas as dificuldades de logística, de matéria-prima e até de mão-de-obra qualificada, é possível ser a melhor empresa do sector a nível nacional”, enaltece o responsável.

Eduardo Malhão defende que é preciso replicar os bons exemplos para alcançar o sucesso e contribuir para o desenvolvimento económico nacional.

Autarcas defendem fusão das empresas de água e saneamento

16

A VOZ
DO NOROESTE

Presidentes das Câmaras do distrito querem a uniformização das taxas cobradas aos municípios

Os autarcas transmontanos defendem a fusão das empresas de água e saneamento do Norte do País, para garantir uma uniformização das tarifas cobradas na região.

O Governo quer avançar com a fusão das sociedades Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro (ATMAD), Águas Douro e Paiva, Águas do Noroeste, e Simdouro, ficando com uma gestão única.

Esta proposta agrada aos autarcas dos distritos de Bragança e Vila Real, que na assembleia-geral da ATMAD, realizada a 15 de Março, se manifestaram favoráveis à fusão “o mais rapidamente possível”. Os autarcas querem ver reduzidas as tarifas da água, que penalizam os municípios transmontanos.

O presidente da Câmara Municipal de Mirandela, António Branco, diz mesmo que a criação da ATMAD “foi má ideia” e defende que se devia ter apostado na criação de uma empresa para toda a região Norte. A fusão das quatro empresas, detidas maioritariamente pela Águas de Portugal e o restante capital repartido com os municípios aderentes, pode “tirar alguma pressão às Câmaras”.

António Branco lembra que a proposta em estudo para a tarifa da água, com uma eventual fusão, aponta para preços entre os 45 e os 55 centimos o metro cúbico, enquanto a actual tarifa paga pelos municípios transmontanos à ATMAD é superior a 70 centimos.

Esta medida também agrada



à presidente da Câmara Municipal de Alfândega da Fé, Berta Nunes, que para além da redução da tarifa também pede o perdão de alguma dívida resultante de uma tentativa anterior de harmonização dos preços.

Berta Nunes diz mesmo que a dívida do seu e de outros municípios do interior às respectivas empresas de águas resulta de um acordo com o qual o anterior Governo pretendia fazer a harmonização e redução do défice tarifário, fixando uma tarifa de 48 centimos para a água e a criação de um Fundo de Equilíbrio Tarifário, que seria provisionado com uma montante pago mensalmente na factura, para compensar a diferença entre os custos e os valores cobrados. Segundo a autarca socialista, “desde Janeiro de 2011 que os municípios estão a pagar

o valor estipulado, mas a empresa de águas continua a cobrar às câmaras a tarifa até então praticada que, no caso do Nordeste Transmontano ultrapassa os 70 centimos por metro cúbico”.

O Fundo de Equilíbrio Tarifário destinava-se a cobrir a diferença entre a tarifa estipulada e o custo cobrado pela empresa, mas o acordo nunca foi formalizado e as contas acumularam um défice, que no caso de Alfândega da Fé ronda os 200 mil euros, no ano de 2011.

Berta Nunes realça que no caso concreto de Alfândega da Fé, o “perdão” deste montante, que se transformou em dívidas à Águas de Trás-os-Montes e alto Douro significaria reduzir para metade o prejuízo de 400 mil euros que a autarquia teve, em 2011, para suportar a diferença entre a

tarifa cobrada aos municípios e a paga pelo município à empresa.

“Nós, em Trás-os-Montes, pagamos a tarifa de água mais cara do País e isso não é justo”, considera, argumentando que os transmontanos “estão a ser espoliados” devido às debilidades da região, com um território extenso e baixa densidade populacional, o que faz com que o retorno dos investimentos nos sistemas de água seja mais lento do que no litoral.

Independentemente das diferentes realidades, a autarca considera que a haver uma fusão em todo o Norte, a mesma empresa deve praticar tarifas uniformes para todos os municípios que vai servir, até porque considera que os resultados dos “sistemas das zonas mais populosas acabam por diluir os custos gerais”.

Câmaras do distrito aumentam dívidas

Metade dos municípios registou um aumento do endividamento de 2009 para 2010



Os tempos são de austeridade e as contas das Câmaras do distrito de Bragança já derraparam mesmo antes dos cortes anunciados pelo Governo no Orçamento de Estado para 2012.

De acordo com o Anuário Financeiro dos Municípios Portugueses de 2010, o mais recente documento publicado que analisa as contas das autarquias, metade das Câmaras do Nordeste Transmontano aumentou as dívidas de 2009 para 2010.

O maior aumento do passivo regista-se no município de Alfândega da Fé, que passou de uma dívida de cerca de 16 milhões para 19 milhões de

euros, uma subida de cerca de 14 por cento em relação ao ano anterior.

A autarquia de Vinhais também se endividou. Apesar de ser o município do distrito com o passivo mais baixo, a oscilação da dívida foi significativa,

passando de 3,6 milhões de euros, em 2009, para cerca de 4 milhões no ano seguinte.

As Câmaras de Macedo de Cavaleiros, Torre de Moncorvo, Miranda do Douro e Vimioso registaram, igualmente, um aumento da dívida (ver tabela).

Já Bragança, Carrazeda de Ansiães, Freixo de Espada à Cinta, Mirandela, Vila Flor e Mogadouro conseguiram diminuir o passivo. Aliás, Mogadouro foi mesmo o município que conseguiu a redução da dívida mais expressiva, passando de cerca de 9,7 milhões para pouco mais de 6,5 milhões no ano passado, o que representa uma redução de 49 por cento.

Numa análise às contas, os municípios que apresentam uma dívida mais elevada são Macedo de Cavaleiros, com cerca de 20 milhões, Alfândega da Fé, com uma dívida na ordem dos 19 milhões, Mirandela, com 19,7 milhões, e Torre de Moncorvo, com uma dívida de 18,4 milhões de euros. No que toca ao passivo por habitante, Alfândega da Fé e Freixo de Espada à Cinta apresentam os valores mais altos, ao passo que Vinhais e Bragança têm a dívida mais baixa por habitante.

Mas não são só as contas

das autarquias que derrapam. Também as empresas municipais do distrito aumentaram as dívidas. A Vimioso 2003-Actividades Artesanais e Turísticas aumentou a dívida em 90 por cento e é mesmo a empresa municipal do distrito com o maior aumento do passivo, passando de pouco mais de 2 mil euros, em 2009, para mais de 26 mil euros, em 2010.

A Miranda Cultural e Rural, em Miranda do Douro, e a ProRuris – Desenvolvimento Rural e Turimontesinho – Promoção Turística, em Vinhais, também se endividaram nos últimos anos.

A tendência oposta verificou-se na Alfandegatur - Desenvolvimento Turístico e na EDEAF - Empresa Municipal de Desenvolvimento, em Alfândega da Fé, bem como no Mercado Municipal de Bragança, que reduziram o passivo de 2009 para 2010.

Numa análise geral às contas das autarquias a nível nacional, Mogadouro e Vinhais aparecem no ranking dos 30 melhores municípios de pequena e média dimensão em termos financeiros. Já Bragança está entre os 20 melhores Câmaras de média dimensão em termos de eficiência financeira.

Dívidas dos municípios do distrito de Bragança

	Nº de Habitantes (Censos 2001)	Passivo Exigível 2009	Passivo Exigível 2010	Variação da Dívida	Variação da Dívida (%)	Passivo Exigível/Hab. 2009	Passivo Exigível/Hab. 2010
Alfândega da Fé	5963	16.415.272	19.177.731	2.762.459	14%	2.752,85	3.216,12
Bragança	34750	17.860.807	15.157.508	-2.703.299	-18%	513,98	436,19
Carrazeda de Ansiães	7642	9.489.713	8.691.765	-797.948	-9%	1.241,78	1.137,37
Freixo de Espada à Cinta	4184	16.079.883	15.000.285	-1.079.598	-7%	3.843,18	3.585,15
Macedo de Cavaleiros	17449	19.965.925	20.280.674	314.749	2%	1.144,24	1.162,28
Miranda do Douro	8048	9.560.269	9.909.757	349.488	4%	1.187,91	1.231,33
Mirandela	25819	21.322.845	19.729.089	-1.593.756	-8%	825,86	764,13
Mogadouro	11235	9.726.733	6.657.244	-3.069.489	-46%	865,75	592,55
Torre de Moncorvo	9919	17.586.099	18.480.073	893.974	5%	1.772,97	1.863,10
Vila Flor	7913	5.459.927	4.991.064	-468.863	-9%	689,99	630,74
Vimioso	5315	5.484.199	5.956.845	272.646	5%	1.069,46	1.120,76
Vinhais	10646	3.603.216	4.064.200	461.044	11%	338,46	381,76

Passivo das Empresas Municipais do Distrito de Bragança

	Passivo Exigível 2009	Passivo Exigível 2010	Variação Passivo	Variação Passivo (%)
Alfândega da Fé				
Alfandegatur - Desenvolvimento Turístico	3.074.251	2.745.144	-329.107	-12%
EDEAF - Empresa Municipal de Desenvolvimento	1.347.358	1.056.152	-291.206	-28%
Bragança				
MMB - Mercado Municipal de Bragança	1.308.345	1.239.612	-68.733	-6%
Miranda do Douro				
Miranda Cultural e Rural	73.626	96.830	23.204	24%
Vimioso				
Vimioso 2003 - Actividades Artesanais e Turísticas	2.654	26.723	24.069	90%
Vinhais				
ProRuris - Desenvolvimento Rural	67.500	101.558	34.058	34%
Turimontesinho - Promoção Turística	99.436	125.237	25.801	21%

Negócios florescem com o a

Fisioterapia para satisfazer necessidades

18

AVOZ
ZONA
NOROESTE

Inês Neto concretizou o sonho de regressar às origens com o canudo na mão. Depois de ter concluído a licenciatura em Fisioterapia, na Escola Superior de Ciências da Saúde do Norte, no Porto, Inês começou a trabalhar, ganhou experiência, que aprofundou com formação complementar, e hoje é o rosto da SanusFisio, em Miranda do Douro.

Este projecto nasceu da vontade desta jovem se instalar na sua terra natal e contribuir para o desenvolvimento da economia local. Além disso, a fisioterapeuta lembra que esta era uma área com uma oferta muito reduzida no concelho de Miranda do Douro, que se veio a agravar com o encerramento de valências nos Centros de Saúde.



E é precisamente para colmatar esta lacuna e evitar a deslocação da população que surge a SanusFisio, um serviço de proximidade que tem uma forte componente social. Este espaço contribui para o bem-estar e melhoria da qualidade de vida das pessoas que necessitam de reabilitação e, ao mesmo tempo, ajuda as pessoas a poupar tempo e dinheiro em deslocações à capital de distrito ou aos concelhos vizinhos. “Oferecemos tratamentos de terapia manual,

quando têm problemas de coluna ou músculo-esqueléticos, electroterapia, magnetoterapia, termoterapia, reabilitação motora, calores por infra-vermelhos, terapia de laser, saúde e bem-estar, fortalecimento muscular e, até, emagrecimento. Aqui fazemos um bocadinho de tudo nesta área”, salienta a fisioterapeuta.

Para garantir tratamentos de qualidade, a jovem empresária investiu numa vasta gama de equipamentos modernos, que permitem a realização de vários tratamentos no ginásio

da clínica, sempre com acompanhamento técnico.

De portas abertas há cerca de um ano e meio, a SanusFisio já conquistou a simpatia dos utentes do concelho de Miranda do Douro, mas também das aldeias espanholas da raia. E porque a Saúde faz parte das prioridades dos mirandeses, Inês Neto aposta agora em alargar a oferta de serviços na clínica. A Terapia da Fala é já uma realidade e prepara-se para disponibilizar consultas noutras áreas, contrariando a dificuldade de atrair profissionais qualificados para o interior do País.

A CoraNE teve um contributo importante na concretização do sonho de Inês Neto. A candidatura ao PRODER facilitou a criação deste negócio, que também tem como missão dar emprego a outros jovens qualificados que queiram regressar às origens. Este projecto representa um investimento na ordem dos 120 mil euros, apoiado em cerca de 60 por cento por fundos comunitários.



apoio da CoraNE

Visão em primeiro plano

Telmo Borges e Maria José Pires apostaram no ramo da Óptica para oferecer serviços diferenciados nesta área em Vinhais. A Óptica Íris abriu há cerca de três meses e já ganhou um lugar de destaque no mercado. Para além da vasta oferta de óculos para a visão e de sol e de lentes de contacto, a empresa aposta também na componente social e garante rastreios às pessoas que vivem nas aldeias do concelho. Aos fins-de-semana, o optometrista Telmo Borges percorre várias localidades do concelho com a missão de tornar a vida dos idosos mais nítida. “Há casos de pessoas que usam a mesma graduação há mais de 20 anos. Dizem que não vão a uma consulta, porque pensam que têm que se deslocar a Bragança. Então explicamos-lhe que já têm este serviço, diariamente, em Vinhais”, realça o jovem empresário.

Telmo Borges afirma que uma das preocupações deste negócio é colmatar lacunas nesta área e oferecer um vasto leque de produtos e de serviços. Os equipamentos de topo ao nível da inovação tecnológica marcam a diferença no



consultório de Telmo Borges. “Fazemos desde os exames de visão mais simples, ao despiste de glaucoma e de cataratas. Temos aparelhos tecnologicamente avançados, que nos dão a informação com a máxima precisão, o que nos permite fazer o despiste de patologias da visão que se não forem tratadas precocemente têm consequências

graves para as pessoas”, salienta o optometrista.

Também na área da oficina, a Íris Visão trabalha com tecnologia de ponta. Com cerca de uma década de experiência no ramo, Maria José Pires, oferece, agora, aos clientes um atendimento personalizado. “Não queremos os clientes só para uma vez. A compra de uns óculos é um investimento importante e queremos que as pessoas fiquem satisfeitas”, acrescenta a empresária.

Maria José Pires realça que para além de informar o utente sobre o seu problema de visão, também é importante esclarecer as pessoas sobre

a qualidade dos artigos que estão a usar. “Depois da venda dos óculos continuamos a dar apoio ao cliente na sua manutenção e ao nível das consultas de optometria para a correcção da graduação”, garante a empresária.

A Íris Visão apresenta um vasto leque de oferta ao nível da óptica, para todos os gostos e todas as bolsas, e com facilidade ao nível do pagamento, para que mesmo em tempo de crise as pessoas possam cuidar da sua visão.

Telmo Borges, formado na Universidade do Minho (Braga), e Maria José Pires, com uma vasta experiência no ramo da óptica, querem agora fortalecer o negócio, que deu os primeiros passos com a ajuda da CoraNE. O investimento de cerca de 120 mil euros foi participado em 60 por cento por fundos do PRODER. “Sem o apoio da CoraNE não nos teríamos lançado. Este apoio foi a cereja no topo do bolo”, conclui Telmo Borges.



IPB abre as portas a

20

AVOZ DO NOROESTE

Alunos conhecem os meandros da formação e da investigação

Mais de 600 alunos do ensino Secundário das escolas do distrito tiveram oportunidade de descobrir aquilo que se faz no Instituto Politécnico de Bragança (IPB). As escolas que integram o campus universitário abriram as portas à comunidade, no âmbito de mais um Dia Aberto da instituição, e mostraram aos estudantes as actividades desenvolvidas nas diversas áreas de ensino e de investigação.

À chegada os visitantes foram brindados com uma mostra dedicada às energias renováveis. Os painéis fotovoltaicos saltavam à vista, mas aquilo que mais fascinou os alunos



foi o carro elétrico made in IPB, que deu voltas e voltas em frente à Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTIG), para que os visitantes pudessem experimentar um veículo concebido por alunos e docentes do IPB.

Ainda na área das tecnologias estiveram em destaque as actividades ligadas à robótica, onde os estudantes ficaram maravilhados com as inúmeras tarefas desempenhadas pelos robots desenvolvidos na ESTIG, bem como os jogos matemáticos ou a magia da tecnologia 3D.

Mesmo ao lado, na Escola Superior Agrária, as inúmeras experiências laboratoriais surpreendiam aqueles que visitavam o IPB pela primeira vez. Desde o paté de azeitona com vários sabores, às provas de vários tipos de presunto foram inúmeras as experiências proporcionadas aos alunos do Secundário, que acabaram por se render aos múltiplos sabores que tiveram oportunidade de degustar.

Na Escola Superior de Educação, as aventuras foram-se multiplicando ao longo do dia. Praticar escalada, assistir

Voices

Márcia Fernandes
Escola Emídio Garcia

“Foi a primeira vez que estive num laboratório onde fazem experiências com azeite. O que mais gostei foi da prova das pastas de azeitona com vários sabores”.



Joel Alexandre
Escola Emídio Garcia

“Esta experiência para mim foi uma surpresa, porque nunca tinha ouvido falar em paté de azeitona. Esta não é a área que quero seguir, mas gostava de tirar o curso de Enfermagem no IPB”.



Hélio Pêra
Escola de Miranda do Douro

“Tivemos oportunidade de provar presunto de diferentes sabores. Esta foi a experiência que mais gostei. Não conhecia o IPB e estou a gostar da visita. Gostava de vir para cá tirar o curso ligado à Informática”.



à comunidade

a peças de teatro ou montar estruturas com esparguete foram, apenas, algumas das actividades postas ao dispor dos visitantes.

Na área da Saúde também foram inúmeras as experiências proporcionadas aos alunos visitantes, desde a simulação de partos a manobras de reanimação. O leque de actividades ficou completo com a presença da Escola de Comunicação, Administração e Turismo de Mirandela, que também se associou às actividades em Bragança.

A responsável pelo Gabinete de Imagem do IPB, Anabela Martins, realça que este ano vieram mais alunos conhecer o campus universitário, onde as actividades foram diversificadas tendo em conta que há estudantes que já visitaram o IPB em anos anteriores. “Houve actividades substituídas por outras e houve um alargamento da oferta em todas as escolas do campus”, acrescentou a professora.

Este ano ainda não foi possível trazer alunos de escolas de fora do distrito, devido às obras da Auto-Estrada Transmontana, que, segundo Anabela Martins, impossibilitavam a vinda e o regresso de estudantes de longe no próprio dia. Com esta visita, os alunos do Secundário conheceram de perto a oferta formativa do IPB e alguns deles poderão mesmo vir a ser futuros alunos da instituição de ensino superior transmontana.

Produtos inovadores para a indústria

Depois da produção de salchichas frescas e de mantas secas e salgadas de carne de origem ovina e caprina, surge um novo projecto ligado ao presunto. Bisobicape é o nome do novo projecto que está a ser desenvolvido na Escola Superior Agrária (ESA), que consiste em ensaiar produtos para serem comercializados pela indústria local.

Lançar no mercado presunto de cabra e de ovelha produzidos na região é o desafio que está a ser estudado no IPB. Para além destes produtos inovadores em Portugal, este projecto também contempla a produção de presunto de porco bísaro com uma forma de cura diferente, que permita a comercialização do presunto fatiado.

Estudos que procuram produzir indo de encontro às necessidades dos consumidores, mas também podem servir de trampolim para a conquista de novos públicos e novos mercados.

Alfredo Teixeira é um dos professores da ESA ligado a este novo projecto e está confiante no sucesso desta investiga-

ção. “No processo anterior foram registadas duas marcas novas e esperamos que este novo projecto também proporcione o registo de novas marcas de produtos”, salienta o investigador.

Este projecto de investigação está a ser desenvolvido para a Bísaro Salsicharia de Gimonde, uma agro-indústria da região que tem vindo a diversificar os seus produtos, aproveitando o conhecimento e capacidade de investigação do IPB.

Alfredo Teixeira afirma que há ensaios feitos em produtos a pedido da indústria, mas também há desafios lançados pelos próprios investigadores. “Estamos a falar de uma empresa que estava direccionada, apenas, para a comercialização de carne de porco e neste momento já estão a diversificar os produtos colocados no mercado”, realça o professor.

Este projecto está, ainda, numa fase inicial, mas o objectivo final é a comercialização destes produtos com marca própria no mercado nacional e internacional.



Andreia Rodrigues Escola de Miranda do Douro



“Não sabia que o IPB produzia este tipo de carnes para análise. Gostei desta experiência, porque provamos diferentes tipos de presunto. Gostava de vir estudar para o IPB, mas ainda não decidi o curso que quero tirar”.





**humberto
ribeiro**

Docente do IPB

Aquiles. Herói mítico da antiga Grécia. A coragem e bravura demonstrada nas guerras de Tróia, epicamente narradas na Ilíada, colocaram-no ao nível do Olimpo do imaginário grego. Após uma década repleta de lutas e combates, acabaria ferido fatalmente no calcanhar, que era o seu famoso ponto fraco. Mas, na verdade, foi a ira que traiu Aquiles. Não se deixasse o grande líder dominar pela ira e grandes males poderiam ter sido evitados, incluindo a sua própria morte. É a tragédia grega e (mais) uma lição intemporal que nos foi legada pelos helénicos.

Encravada entre a Península Balcânica e o Médio Oriente, a brilhante Grécia, berço da democracia moderna, desde sempre se encontrou envolvida nas disputas entre o Ocidente e o Oriente. Resistindo primeiro corajosamente às invasões Persas, haveria o grande Macedónio Alexandre disseminar depois a magnífica influência helénica por todo o Médio Oriente e pela Ásia Central até à margens do Indo. Mas não fosse a tragé-

E finalmente o calcanhar de Aquiles cedeu: Será Portugal a seguir?

dia grega tamanha maldição, acabariam os gregos por vir a ser anexados ao Império Romano, ocupados pelos Turcos Otomanos e até pela Alemanha Nazi. Tamanha fragilidade haveria de reforçar a dependência perante terceiros. As cicatrizes perduram até hoje. Saudosismo, eternamente chamarão Constantinopola a Istambul. Sentimento de perda, se visitar o museu da Acrópole, apenas cerca de metade dos frisos do Parténon são originais, pois os restantes estão em museus na Inglaterra e Alemanha. Tensão permanente: a fronteira com a Turquia é patrulhada por militares armados de ambos os lados da fronteira. Exemplos abundam. Tive a oportunidade de visitar a Grécia em momentos diferentes, bem como a possibilidade de conhecer diversos locais, desde a Macedónia, no extremo norte, até Creta, a ilha situada mais a sul. Pude assistir in loco a transformações radicais. Recordo-me que em plena crise financeira as ruas de Tessalónica, segunda maior cidade, estavam vibrantes, repletas de pessoas e carros à meia-noite. A animação nos bares e restaurantes era impressionante. Tentei conseguir um quarto num hotel, mas após cinco tentativas fui obrigado a desistir e não dormi na cidade. Estavam todos cheios e não era época alta, nem havia eventos especiais a decorrer.

No passado Outono estive novamente na Grécia, mas agora o panorama foi dramaticamente diferente. É certo que estive na esplendorosa ilha de Creta, a maior ilha da Grécia, cujas águas azuis e cristalinas seguramente rivalizam com os mais belos paraísos terrestres. Mas antes de conseguir sobrevoar o mítico mar Egeu, polvilhado por algumas das mais belas ilhas mediter-

rânicas, tive de enfrentar os deuses. E não foi Poseidon, o deus supremo do mar, mas sim os deuses terrenos da moderna Grécia.

Com uma viagem perfeitamente planeada com antecedência, acabaria por ser mais uma das vítimas das mediáticas greves gerais gregas. Inicialmente aterraria em Creta, ia a Atenas a uma quarta-feira, mas a TAP teve de cancelar o voo. Resultado: tive de arriscar e voar posteriormente para Atenas sem saber se teria voo de ligação para Creta. Tive de pernoitar no aeroporto de Atenas, pois era arriscado sair das instalações, até os táxis aderiram à greve! Felizmente os “deuses” não me abandonaram e consegui voo logo pela manhã, mas já era sexta-feira! Chegado a Heraklion, tive de alugar um carro, mas o tanque de combustível estava na reserva (nunca visto!). Explicaram-me que os funcionários dos postos de combustível na cidade estavam em greve há vários dias e que só poderia abastecer fora da cidade, na via rápida. Assim fiz e deste modo pude chegar “just in time” ao meu destino e cumprir com o compromisso que tinha agendado. Já posteriormente e com mais calma, tive a oportunidade de percorrer muitas das ruas de Atenas, ainda a refazer-se dos verdadeiros combates que tinham ocorrido na véspera. A maior parte das ruas já estavam limpas. Mas enormes sacos de lixo estavam por recolher e vi diversos restos espalhados, até de matéria orgânica. Muitos dos mármore e outras pedras dos passeios estavam embranhadas, até manchadas, e os cheiros que emanavam não eram nada agradáveis. Imensas “almas perdidas” a deambular pelas ruas, não é fácil ir pelos passeios em Atenas. Enfim,

infelizmente abunda a miséria social que se junta aos inúmeros edifícios em ruínas. E não me refiro aos magníficos monumentos da grécia antiga que tornam Atenas uma cidade única no mundo.

Atenas, o coração da Grécia, estava doente, à beira de um ataque cardíaco. Os mercados de rua atraíam os compradores, ao invés das lojas. Comércio provavelmente feito por imigrantes ilegais, que vi serem frequentemente acosados pela polícia. É o apogeu da economia paralela. E contudo a vida continuava, mesmo se diferente. A maior parte dos restaurantes estavam apenas ocupados por turistas e os hotéis estavam a preço de saldo! As zonas históricas continuavam aprazíveis e limpas. O quarteirão governamental, delineado pelo parlamento até ao recatado palácio presidencial, estava absolutamente esvaziado e perfeitamente guardado por verdadeiras “esquadras” móveis, carrinhas da polícia de choque sempre alerta.

Passados mais alguns meses agonizantes, finalmente a Grécia teve de se render à pressão externa, indiferente a greves e choradinhos políticos. De nada lhes valeu a ira, o destino foi o mesmo de Aquiles. A falência da Grécia foi consumada, mas realizada de modo “controlado”, para minimizar o contágio a outros países, com Portugal à cabeça! Contudo, o perdão parcial da dívida grega vai-lhes custar caro: irão continuar afastados dos mercados ainda por mais tempo e portanto demorarão ainda mais até recuperarem novamente a independência. Estará Portugal também condenado a viver igualmente esta tragédia grega? Na minha opinião a resposta é simplesmente NÃO. Portugal não é a Grécia.

Douro Valley em inglês e espanhol

Novo portal de promoção turística disponibiliza informação em novas línguas para facilitar a vida aos turistas

O “Douro Valley”, o primeiro e inovador portal de divulgação e promoção turística da região, lançado em Janeiro passado, já se encontra traduzido em inglês e espanhol.

Já estão disponíveis notícias, eventos, pontos de interesse, itinerários, mapas, fotografias e vídeos, que constituem um total de quatro mil conteúdos, disponíveis nas três línguas. O lançamento da versão inglesa decorreu a 9 de Março, no Museu do Douro, em Peso da Régua, numa sessão em

que estiveram presentes vários proprietários de empreendimentos da região. A versão espanhola foi lançada a 16 de Março, no Museu do Côa, em Vila Nova de Foz Côa, e contou com a presença de várias instituições, nomeadamente do Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade, e proprietários de empreendimentos da região.

Na sequência destas duas sessões reforçaram-se as ligações de cooperação entre o Douro Valley e algumas instituições importantes na região, nomeadamente o Museu do Douro, o Museu do Côa e o Parque Natural do Douro Internacional.

O portal www.dourovalley.eu é promovido pelo CITMAD – Centro de Inovação de Trás-os-Montes e Alto Douro, em parceria com o INESC TEC



– INESC Tecnologia e Ciência (entidade coordenada pelo INESC Porto), a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a Universidade do Porto (através da Faculdade de Engenharia e da Faculdade de Economia), com o apoio da Estrutura de Missão do Douro, sendo ainda co-finan-

ciado pelo programa “ON.2 – O Novo Norte”.

O principal objectivo deste portal é criar uma montra virtual da região, com impacto nacional e internacional, que divulgará os recursos e produtos do Douro, focando-se nas dimensões económica, turística, social e cultural.



Telf. 273 322 078
Rua Conde de Ariães, 124
Bairro Campo Redondo
5300-114 Bragança



Parque Biológico Vinhais

www.parquebiologicodevinhais.com

